

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

The family's perception of their role in the student's training process at Família Agrícola School of Santa Cruz do Sul/RS

Maira Taís Marques Corrêa

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-1205-4869>

Cristina Luisa Benke Vergutz

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-7706-4550>

Resumo: Este artigo nasce do desejo em compreender como as famílias entendem seu papel dentro do processo formativo da EFASC. Buscou-se compreender o olhar das famílias quanto a sua participação, tanto na sessão familiar, auxiliando nas práticas e compartilhando seus saberes empíricos, quanto na sessão escolar, participando das assembleias, formações, serões e/outras atividades que a escola promove. O processo pedagógico da EFASC desperta curiosidade, principalmente a relação entre família e escola, uma vez que a família também faz parte do processo formativo de seu filho (a), sendo os educadores lá no espaço que eles conhecem e vivem. Portanto, todos os envolvidos (escola/família) assumem responsabilidades em níveis diferentes de acordo com o lugar que ocupam numa EFA (Zamberlan, 2003). Mas será que eles entendem a importância disto? Percebemos, após a realização da pesquisa, e a partir da análise de discurso e também através no método dialético, que sim, eles compreendem seu papel na formação de seu filho e filha, no entanto a participação ainda é tímida porque eles e elas possuem medo de falar algo errado e ser motivo de risadas. E esbarramos também no preconceito histórico do “ser” agricultor e agricultora, moradores (as) do campo, uma vez que historicamente são taxados como ignorantes.

Palavras-chave: Família. Educadores/Educadoras. Participação. Formação.

Abstract: This article aims to analyze how families understand their role in the formative process of the Família Agrícola School of Santa Cruz do Sul. We sought to understand the views of families and their participation, both in the family session, assisting in practices and sharing their empirical knowledge, as in the school session, participating in assemblies, educational training, parent’s evenings and other activities promoted at school. The pedagogical process arouses curiosity, especially about the relationship between family and school, since the family is also part of their child's formative process, acting as educators in the space they know

and live. Therefore, everyone involved (school and family) takes on responsibilities at different levels according to the place they occupy in the School (Zamberlan, 2003). Do they understand the importance of this? After conducting research based on discourse analysis and through the dialectical method, we realized that they understand the important role in the education of their child; however, the participation of family members is still timid showing fear of saying something wrong in public and being a reason for jokes. Then comes up the historical prejudice of “being” a farmer, residents of the countryside, historically seen as ignorant people.

Keywords: Family; Educators; Participation; Educational training.

Introdução

“Eu não posso ser o professor do meu filho aqui, pois tenho apenas até a quarta série do ginásio”. Não poderíamos deixar de iniciar esta introdução senão com a declaração, que a maioria dos pais e mães dos estudantes da escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul falam quando afirmamos que eles são os professores e professoras de seus filhos e filhas na sessão familiar, e que instigou a escrita deste artigo. No entanto, ela não é uma frase isolada, sem sentido, ela carrega consigo uma bagagem histórica do saber menos, do saber menor, agregado ao povo do campo, àqueles que não tiveram oportunidade de frequentar uma instituição de ensino e por isto taxados de ignorantes.

As Escolas Famílias Agrícolas, a partir da Pedagogia da Alternância, têm como base pedagógica a realidade de cada sujeito do campo, seja aquele que estudou até a quarta série ou aquele (a) que não sabe nem pegar em um lápis, mas que, a partir de sua vivência, sua lida com a terra, tem um saber jamais descrito em livros e que até então não era valorizado, pelo contrário, são indivíduos taxados como ignorantes, toscos, “piolho da terra” (LOBATO, 1918, p.2).

O saber empírico detido por cada família deve ser compartilhado, disseminado para que não se perca no tempo, e o sujeito responsável por canalizar estes saberes é o estudante de EFA, ele é responsável por lapidar e partilhar este conhecimento para com seus colegas, monitores e monitoras, comunidade em geral, para que o saber prático de sua família não se extingue com o passar dos anos. Para Zamberlan (2003, p. 136), “Este ensinar e aprender ajuda os pais no envolver-se-participar, pois se sentem úteis em algo que, até então pouco tinham tido oportunidade: de fazer parte do ensino formal que a escola desenvolve”.

A Pedagogia da Alternância tem a possibilidade na sua operacionalização de unir o saber empírico ao saber teórico científico na formação de seu estudante. Ela motiva o e a adolescente a conhecer sua realidade e valorizar o conhecimento lá adquirido. Entretanto, embora a escola motive o movimento de integração entre escola-família e jovem, a família ainda se mostra tímida em sua participação, esta que deveria agir como protagonista, ainda

está como coadjuvante na formação de seus filhos (as). E por quê? Por que ela não assume a postura de corresponsável, coformadora neste processo? A pesquisa, que gerou este artigo, apontou algumas possibilidades, e o medo foi uma das palavras mais citadas dentre todas as entrevistas. Mas isto é conversa para mais adiante.

As famílias, que matricularam seus filhos e filhas na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul, agricultores e agricultoras familiares, pertencentes ao Vale do Rio Pardo, foram os sujeitos da minha pesquisa, entretanto para entender o todo, estendi os questionamentos aos outros sujeitos, integrantes do processo escolar, levando em consideração a paridade de gênero. Fizeram parte da minha pesquisa 5 pessoas, 2 pais - 1 membro da Associação e o outro membro do conselho fiscal. 1 mãe – membro da Associação e 2 estudantes do terceiro ano, todos e todas residentes do meio rural, provindas de 12 municípios do Vale do Rio Pardo, que são; Boqueirão, Candelária, Herveiras, Passo do Sobrado, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul, Sinimbu, Vale Verde, Venâncio e Vera Cruz, num total de 110 famílias. É uma região que predomina a agricultura familiar, mas que tem como fonte principal de renda a produção de tabaco, monocultura que tem um ciclo permanente de trabalho, desde a preparação do solo, cultivo da muda, plantação, aplicação de agrotóxicos, colheita, secagem, manocagem até a venda, tornando esta produção muito árdua e cansativa para os familiares.

Para analisar as entrevistas realizadas, foram utilizadas o método de abordagem dialético crítico (GAMBOA,1994), porque este utiliza-se de categorias epistemológicas principais, a totalidade, a contradição e a historicidade, possibilitando assimilar o desenvolvimento histórico, determinado pelo contexto econômico, político e social que transforma cada sujeito, além de utilizarmos também, a análise de discurso (MORAES, 1999), técnica que nos ajudou a interpretar as falas obtidas nas entrevistas, que nos ajudaram a compreender o porquê das famílias não se sentirem à vontade em participar assiduamente da formação de seus filhos e filhas e nos ajudou compreender o entendimento das famílias quanto ao seu papel educativo dentro do processo formativo da EFASC.

O presente artigo tem como principal objetivo apresentar, nos capítulos seguintes, o resultado de uma pesquisa no qual envolveu, estudantes e algumas famílias, que matricularam seus filhos e filhas na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul, agricultores e agricultoras familiares, pertencentes ao Vale do Rio Pardo. As próximas laudas serão de contextualização da Educação do campo e Pedagogia da Alternância na EFASC, bem como o conceito de família e como ela está inserida na EFASC, na formação de seu filho e filha.

Educação do Campo e seus sujeitos

A Educação do/no e com o campo por muito tempo, no Brasil, foi negada aos sujeitos do campo, e ainda hoje é privilégio para poucos, uma vez que a educação oferecida, pelas escolas

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

tradicionais, aos jovens do campo, prepara estes para sair do local onde residem, porque lá é considerado o lugar do atraso, sem perspectivas de desenvolvimento e progresso. Sem falar que os conteúdos trabalhados são totalmente descontextualizados ao ambiente, às relações sociais, econômicas, culturais e às práticas agrícolas por eles vividos. Como podemos ratificar na fala de pai 1¹, pai de egresso e tesoureiro da AGEFA – Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas de Santa Cruz do Sul, ela é composta por agricultores e agricultoras familiares:

Eu sempre sonhava em ter uma educação diferenciada a qual eu poderia passar para os meus filhos uma educação melhor daquela que eu tive. Não desmerecendo a educação que eu tive, mas hoje eu digo, do jeito que temos assim, como eu vou me expressar, a forma que tá nossa região, nosso estado e País, a educação é a chave. E para ter uma valorização melhor, o conhecimento que eu tive dos meus pais, meus avós, poder passar esse melhor para o meu filho eu não vi forma melhor né ir para escola aprender junto com ele.

Pai 1, membro da associação, fala isto após ser perguntado, o porquê de colocar seu filho em uma escola do Campo, como a EFASC. Sua resposta foi rápida e cheia de sentimento e certezas. Não é à toa que ele participa da escola há 9 anos e diz que “*enquanto eu puder, enquanto eu tiver perna para acompanhar a escola, eu continuo acompanhando*”.

Segundo Bonamigo (2014), a educação do campo começa a ser projetada somente a partir de 1930, entretanto esta projeção obedece à demandas e necessidades da cidade e não demandas da comunidade rural, ratificando a negação à Educação ao povo brasileiro, principalmente aos que viviam no meio rural, porque estes, para trabalharem na roça, não era necessário saber ler e nem escrever. Além disso, muitos jovens não tinham acesso à escola, pois seus pais não tinham condições financeiras para mantê-los em uma e porque estas eram longe e não possuíam meios de transporte, como relata mãe 1, agricultora tia de estudante, quando perguntada o porquê de ela não ter avançado nos estudos, ela responde: “*porque não tinha ônibus de graça e meus pais não tinham condições e não deixaram eu estudar*”.

Naquele tempo, somente os filhos da elite brasileira tinham possibilidade de estudar, porque o poder econômico e político estava nas mãos das oligarquias. Concepção esta que até hoje está enraizada no pensamento dos familiares de nossos estudantes. Em pleno século XXI, a premissa de que o agricultor familiar é ignorante, atrasado e que não possui conhecimento, ainda é eminente, fazendo com que as frases “estude para não pegar no cabo de uma enxada” ou “estude para não passar trabalho na roça”, seja repetido pelos pais e mãe e internalizado pelos filhos e filhas que vivem no e do campo, como podemos verificar na fala da, estudante 1, estudante do terceiro ano:

¹ Utilizaremos pseudônimos para manter o anonimato das (os) participantes. As falas estão identificadas pelas palavras pai, mãe e estudante, ficando pai 1, pai 2, mãe 1, estudante 1 e estudante 2.

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

Eles, às vezes, eles se sentem como se não tivessem o poder de ser professor, mas eles são. Que nem agora já estão mais familiarizados, mas no primeiro ano e garanto que os alunos que estão no primeiro ano, a família acha que não pode participar, que eles não sabem nada e que eles não podem ter participação, não pode dar uma opinião.

Com esta fala, podemos perceber que os familiares trazem internalizados este discurso do não poder dar sua opinião, do não saber nada, e que seus filhos só aprenderão na escola, com os professores, estes sim têm o poder. Mas podemos inferir também, a partir da fala da Vitória, que com o tempo, e ao conhecer a EFASC, eles começam a se familiarizar, e aos poucos vão compreendendo o processo, mas isto não é de um dia para outro, impossível mudar uma concepção de educação que foi e está implantado desde muito tempo em três anos de formação.

Não podemos julgar a postura dos familiares, pois isto faz parte de um processo histórico, no qual o professor era o mestre e somente ele tinha o poder de ensinar. E entendamos, que uma possibilidade de educação para os filhos e filhas dos agricultores e agricultoras, ou seja, do campo e para o campo, chega ao Brasil em 1969, com a Pedagogia da Alternância, com a inauguração de uma Escola Família Agrícola, em Olivânia, Espírito Santo. Esta escola surge, após muita mobilização comunitária, com o intuito de sanar os anseios dos agricultores que percebiam que a educação dada aos seus filhos não condizia com a suas realidades, fazendo com que eles migrassem para cidade. No Rio Grande do Sul só foi se pensar em Pedagogia da Alternância enquanto escola² em 2009, com a inauguração da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul, um tanto quanto controverso, uma vez que o estado é predominantemente agrícola.

Foi na década de 1930, através do movimento de alguns agricultores e de um pároco do interior da França, que dá-se início aos primeiros passos em busca de uma proposta educativa que possibilitasse ao jovem estudar sem se afastar de seu meio, relacionando os saberes da vida cotidiana e o saber científico. Este início é bem descrito por Zamberlan (2003), que destaca o surgimento 'desta pedagogia' balizada por dois eixos, o primeiro pela necessidade da população rural frente a um contexto da época que indicava a desvalorização do campo, levando à elevação do êxodo rural justificada também pela proliferação da industrialização e o segundo pela própria mobilização destas pessoas na busca de alternativas educacionais para formar futuros agricultores (POZZEBON, 2015, p.70).

Para Vergutz e Cavalcante,

historicamente a Pedagogia da Alternância surge como uma proposta

² "As CFRs atuam no estado deste o ano de 2002, através da Casa Familiar Santo Isidoro, ligada à ARCAFAR –RS, filiada à ARCAFAR–SUL. Está localizada no município de Frederico Westphalen na localidade de Linha Faguense, norte do estado e oferece formação de Ensino Médio" (VERGUTZ, 2013, p.39).

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

educacional para o campo, como possibilidade de uma formação com jovens do meio rural centrada na partilha e na interação entre todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem remetendo a uma perspectiva sistêmica de mundo na qual nós percebemos pertencentes ao mundo (2014, p.375).

E com isto, as Escolas Famílias Agrícolas, a partir da Pedagogia da Alternância, tem como base pedagógica a realidade de cada sujeito do campo, que até então não era valorizado, pelo contrário, são indivíduos taxados como ignorantes, toscos, e como diz Monteiro Lobato em sua obra Jeca Tatu, “piolho da terra, funesto parasita, homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, quantidade negativa” (LOBATO, 1918, p.8).

Esses mesmos indivíduos lutaram para que seus filhos tivessem uma educação voltada à realidade do campo, que dialogasse com que eles, uma educação do campo, para homens e mulheres, para o povo e pelo povo do campo, horizontal, contra hegemônico que resistisse ao padrão de educação dominante e hegemônico, que imperava desde 1500, aquela escola rural, no campo, mas que reproduzia o modelo da educação da cidade e conseqüentemente preparava os jovens para o trabalho na cidade, fazendo com que estes, não se interessassem pela lida diária, deixando o campo, ocorrendo o fenômeno que denominamos de êxodo rural.

O êxodo rural é um dos principais fatores do esvaziamento e envelhecimento do campo, uma vez que os jovens são induzidos a deixar sua propriedade em busca de melhores condições de vida, e muitas vezes com o apoio de sua família, pois eles não querem que seus filhos e filhas passem trabalho como eles. Por isto a importância da escola do campo, a escola que faz o sujeito pensar e valorizar o pedaço de terra que possuem. Uma escola que faça com que o estudante tenha o orgulho de dizer: aprendi a valorizar mais também o conhecimento da minha família⁶. Que faz com o sujeito viva e conviva em comunidade. Que conheça e se reconheça como parte do meio onde residem, para que a partir daí, consiga organizar movimentos que lutem e reivindiquem políticas públicas para o campo, em especial, que reivindiquem uma educação engajada, comprometida, que trabalhe com os protagonistas do campo, exercitando o “dizer sua palavra” na perspectiva freiriana (FREIRE, 2011) de práxis, ação e reflexão, que para Vergutz,

É um encontro pedagógico no qual ao mesmo tempo em que o/a estudante se aproxima de si e da família/comunidade com um olhar mais observador e com o sentimento de pertença, de descobertas e de valorização, também possibilita o integrar-se ao campo familiar/ comunitário para partilhar saberes e conhecer outros, criando e recriando a espiral evolutiva do processo de conhecer, na qual o próprio movimento da alternância potencializa interrogações, experiências, vivências, transformações: aprendizagens (2013, p.76).

Com a Pedagogia da Alternância, o/a estudante passa a se enxergar e enxergar a família, pois é muito revoltante chegar na casa de um familiar e ele dizer que “*é burro, pois*

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

tem somente até a quarta série”, negando para si mesmo todo conhecimento e experiência que o fez agricultor e gerenciador de uma unidade familiar. Mas não é culpa dele e sim deste sistema mundo capitalista, patriarcal e colonial que produz um sistema educacional que não valoriza o saber popular, o saber carregado de pai/mãe pra filho/filha. Sistema que ignora a realidade do e da estudante e sua família. Que não o incentiva a pensar seu espaço, sua comunidade, seu município, a partir do meio onde vivem, sua cultura, produção e relações sociais, legitimando o modelo de escola rural e urbana de nosso país como, “urbanocêntrica”, “sociocêntrica” e “etnocêntrica”, ou seja, todo sistema educacional pensado de acordo com a realidade vivida na cidade, sem levar em conta as características familiares, sociais, culturais e econômicas do meio rural.

A EFASC - Escola Família de Santa Cruz Do Sul, localizada no Vale do Rio Pardo, região predominantemente produtora de tabaco e também com predominância de pessoas residindo no espaço rural, abre suas portas em 1º de março de 2009, a primeira escola família agrícola do Estado do Rio Grande do Sul, para lutar contra este modelo de educação bancária que nos assombra há muito tempo. A EFASC labuta por uma educação contextualizada, que seja direito de todo cidadão e cidadã que vive no campo. É uma escola que trabalha com temas geradores da vivência do/a estudante, como podemos observar na fala da estudante 1, *“depois que eu entrei para escola aprendi a valorizar e enxergar o papel que as mulheres têm na propriedade”*. E quando perguntada o porquê escolheu estudar na EFASC,

“...pensava que fosse uma coisa, mas na verdade era outra coisa bem melhor, muito melhor do que eu esperava. Desde o começo eu vim mudando como pessoa, com os pensamentos que eu tinha antes e o que eu comecei a ter depois. A minha função dentro da propriedade, que antes era só de exercer tarefas sem dialogar, sem pensar junto com a família sobre o que que tinha que fazer e por que de fazer”.

Isto aponta para a articulação de classe e gênero, assim como raça/etnia (SAFFIOTI, 2013), na qual as mulheres agricultoras identificam a construção social inerente ao ser mulher na relação com sua dinâmica produtiva, enfrentando cotidianamente os desafios de ser mulher do campo, nas opressões, dominações e submissões que estão envolvidas nas diferentes relações que estabelecem na sua vida.

Quando escutamos isto de uma jovem de 16 anos, percebemos que a luta pela educação do campo não está sendo em vão. Para Pozzebon (2015, p. 75), a EFASC,

vem estabelecendo uma dinâmica de trabalho orientada pelos quatro pilares dos CEFFAs. Pretendendo, assim, promover a formação integral dos filhos de agricultores familiares, contribuindo com a formação de cidadãos capazes de desenvolver uma visão, não só técnica das questões inerentes ao campo, mas também política e social; sendo capazes de exercer liderança e induzir processos de desenvolvimento do campo, podendo também empreender atividades que possibilitem a diversificação das propriedades,

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

bem como a geração de renda para a permanência no campo com qualidade de vida.

O jovem e a jovem, a partir da formação integral oferecida pelas EFA'S, tem a possibilidade de escolha, ou seja, caso decidam permanecer no campo, seja com qualidade, respeito à diversidade, os saberes de sua família e comunidade e também valorizando o trabalho e a cultura do campo. Embora seja uma proposta pedagógica encantadora e que já nos mostra que dá frutos, é uma luta árdua, que depende de muito movimento, muita resistência para manter as portas abertas, uma vez que o modelo tradicional, hegemônico está logo ali, pronto para tomar conta e “adestrar” seus súditos.

Contrapondo este modelo hegemônico e tradicional, temos as Escolas Famílias Agrícolas que seguem os “Quatro Pilares” dos CEFFA's³. A seguir, será descrito cada um deles, detendo-nos no pilar Associação Local.

Associação Local na EFASC

Os CEFFA - Centro Educacional Familiar de Formação por Alternância são constituídos pelas Casas Familiares Rurais (CFRs) e Escolas Famílias Agrícolas (EFAs). Este movimento baseia-se em dois principais eixos: finalidades e meios. No eixo finalidades, encontramos a formação integral e o desenvolvimento local. Já no eixo meios, encontramos a alternância e a associação local.

Figura 1 - Os quatro pilares do movimento CEFFAS



FONTE: García-Marirrodrga e Puig-Calvó (2010).

³ Centro Educativo Familiar de Formação por Alternância.

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

No pilar formação integral busca-se um olhar total no qual o indivíduo se constitui “técnico, profissional, intelectual, social, humano, ético, espiritual” (MARIRRODRIGA e CALVÓ, 2010, p.65). No pilar Desenvolvimento do meio, os sujeitos precisam se desenvolver e desenvolver o meio em que vivem. No pilar Alternância, o (a) estudante alterna espaço e tempo entre escola e meio socioprofissional, com a promessa de envolver-se com todos os personagens da formação, os educadores, os estudantes, a família e os profissionais do meio. No pilar Associação Local, formada majoritariamente por agricultores e agricultoras familiares e também por outros sujeitos que se identificam com os princípios de que a educação deve ser contextualizada com a realidade de cada indivíduo. Para Vergutz (2013) “é o espaço de participação das famílias na gestão do CEFFA abordando aspectos administrativos e pedagógicos relacionados com a realidade destas famílias e diferenciando, com isso, um CEFFA de outras instituições escolares e formativas.”, ou seja, as famílias não são meros auxiliares dos monitores, mas membros participantes e apoiadores da escola/ associação, auxiliando e garantindo a formação dos jovens a partir das necessidades do meio onde vivem, e é com este intuito que surge a AGEFA, associação local da EFASC e também representante das EFA's do Rio Grande do Sul. É uma associação autônoma das famílias agricultoras, jovens egressos e seus pais, que visa articular, promover e garantir o desenvolvimento local sustentável e solidário.

A Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas – AGEFA foi criada em 25 de julho de 2008, na cidade de Santa Cruz do Sul, sem fins lucrativos ou econômicos, de caráter educacional, comunitário/associativo, filantrópico, cultural, social, desportivo, promocional, de estudo, pesquisa, assistência técnica e extensão rural com autonomia administrativa e financeira, tem como um dos objetivos:

Promover uma educação de qualidade, contextualizada, diferenciada e voltada ao meio rural, de acordo com os fundamentos e princípios da Rede CEFFA's, com a metodologia da Pedagogia da Alternância e adequada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) e ao Plano Nacional de Educação vigente (PNE), bem como ao Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010 e a outros instrumentos normativos da educação do campo e legislação pertinente (AGEFA, 2016, p.2)⁴.

A AGEFA também tem o papel de envolver, motivar e responsabilizar efetivamente as famílias quanto ao acompanhamento do desenvolvimento pedagógico e humano de seu filho e filha, bem como fortalecer o espírito associativo e cooperativo nas famílias associadas, tornando essas, parte do processo e não meros expectadores. No entanto, os membros da AGEFA ainda não exercem este caráter motivador, “a associação precisa chamar, ela precisa chamar, ela precisa ir até a família”, como salienta pai 1, membro da associação. Esta deve ter

⁴ Estatuto Social AGEFA – Associação Gaúcha pró Escolas Famílias Agrícolas do Rio Grande Sul. Fundada em 2008.

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

o papel de aproximar as outras famílias para o processo, de fazer com que os responsáveis/famílias interajam e participem com os monitores (as), estudantes, egressos (as), a fim de dividir com estes o papel de “tocar” a escola, este papel ainda está cabendo aos monitores (as), o que se torna, por vezes, pesado e fazendo com seja deslocado monitores das tarefas pedagógicas para resolver questões burocráticas.

Acreditamos que a associação seja a mola propulsora no incentivo da participação das famílias no processo, tanto pedagógico quanto de participação das reuniões, uma vez que os sócios são os próprios pais e mães, agricultores e agricultoras que têm seus filhos e filhas na EFASC. Pai 1, tesoureiro da AGEFA, avalia que a participação das famílias,

É pouca participação. Eu coloco muito em nossas reuniões da Associação que a gente tem, que é preciso trabalhar, eu não sei a forma, mas é uma forma de conseguir trazer como que as famílias venham mais para escola, se integram mais no processo que é pedagogia da alternância. Muitas vezes eu acho para mim, que eu tenho, eu enxergo, às vezes é receio, eles querem participar, mas aí falta tempo. Muitos trabalham fora né. Nem todos são agricultores. E também por ser uma escola diferente que a gente foi acostumado. Fomos acostumados com uma escola que tu mandava o teu filho para escola e só esperava meio dia seu filho da escola, tu não tinha esse envolvimento com a escola.

Ele acredita que as famílias não participam da escola por não estarem acostumados com a forma de ensino da EFASC, em que exige a participação dos familiares nas Formações das famílias, nas Assembleias escolares, no preenchimento do caderno de acompanhamento, estarem dispostos a receberem os monitores e monitoras em suas casas, nas visitas às famílias, e porque “a maioria do pessoal agricultor é envergonhado, às vezes é vergonha de falar, medo de estar falando de uma forma errada”. E pondera que a AGEFA precisa chamar, motivar as famílias a participarem:

Ela, a família, precisa ser estimulada a participar né, convidar. Eu acredito um pouco, que a gente, a própria associação fazer as visitas. A associação precisa chamar, ela precisa chamar, ela precisa ir até a família. Para família ver com seus próprios olhos, e o diálogo é sempre é bom, ainda mais de agricultor para agricultor muda o diálogo.

Zamberlan (2003), em sua dissertação cita que, para participação em uma associação, o indivíduo precisa estar envolvido:

O fenômeno da participação é o resultado de uma série de ações, ideias e valores culturais construídos em parceria, com outras pessoas, com outros grupos e principalmente dentro de um determinado grupo. Portanto, uma pessoa, para fazer parte de um movimento ou de uma associação, tem que estar envolvida numa série de situações. No Dicionário Aurélio se encontra: “envolvimento é ação ou efeito de envolver-se, trazer para si, comprometer-se”. Ao refletir sobre as informações dadas pelas famílias, é importante ver,

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

as formas delas se envolverem na vida social de seu meio e, conseqüentemente, na instituição escolar e associativa (p.104).

Para Freire (2014, p.86), a participação deve ser uma ferramenta que dá voz ao participante e não pode se resumir em apenas colaboração e sim, “participação enquanto exercício de voz, de ter voz, de ingerir, de decidir em níveis de poder, enquanto direito de cidadania se acha na relação direta e necessária, com a prática educativa-progressista”.

E esse envolver-se pode/deve ser fruto de mobilizações realizado pelos membros desta associação, uma vez que “todos os envolvidos na escola/família têm a responsabilidades, mesmo que essas tenham níveis diferentes, dependendo do lugar que ocupem no conjunto da instituição escolar-associativa.” (ZAMBERLAN, 2003 p.54). Nada é mais significativo e legítimo, do que estes pais e mães, membros da associação, motivarem seus pares a participarem da escola, demonstrando o quão importante é ter uma escola do campo, no qual a associação é composta por pais, mães, egressos (as), agricultores e agricultoras familiares. Ainda precisamos avançar neste quesito, mas acreditamos que com o tempo e com os egressos tomando as frentes do conselho administrativo, conseguiremos ter uma associação mediadora e motivadora, porque o (a) estudante, os monitores e as monitoras e as famílias são consideradas uma rede de colaboradores, no qual “O alternante como primeiro sujeito que se torna autor de si mesmo, as Famílias, os mestres de estágio e os educadores (monitores), considerados como animadores do processo” (BEGNAMI, 2011, p. 31).

Família e a Educação

A família é sem dúvida a instituição e o agrupamento humano mais antigo, uma vez que todo ser humano, todo sujeito nasce em razão da família, associando-se com seus demais membros. A palavra família vem do latim *famulus* e significa grupo de escravos ou servos pertencentes ao mesmo patrão. Já no dicionário Aurélio, encontramos as seguintes definições: “Pessoas aparentadas que vivem na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Pessoas do mesmo sangue. Origem, ascendência” Além dessas definições, sabe-se que “ser família”, suas características e sua formação é volúvel, inconstante, que muda com o passar do tempo, a partir da evolução dos princípios sociais, hábitos da sociedade, sendo improvável construir princípios fixo do que é ser família. Engels (1979) confirma isto, nos dizendo que: “A família é o elemento ativo, nunca permanece estacionária, mas passa de uma forma inferior a uma forma superior, à medida que a sociedade evolui de um grau mais baixo para outro mais elevado” (p.30).

Podemos encontrar o conceito de família, tão bem descrito e afetuoso por Paulo Freire. Seu filho, Lutgardes Costa Freire diz que:

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

Para meu pai a família é saber estar juntos, amando uns aos outros, cuidando umas aos outros, às vezes discordando, com razão ou sem razão, com amor corrigindo, errando, acertando. É saber dar limites aos filhos, fazer com que eles sejam autônomos (2010, p. 176).

Anteriormente o modelo dominante era o patriarcal, patrimonial, imperialista e matrimoniais, neste modelo, a figura do “Chefe de Família” imperava, era o líder, o centro do grupo familiar e responsável pela última palavra, o qual deveria ser seguido por todos. Reflexo disto, são os casamentos que eram arranjados pelos pais da noiva, não havia afeição alguma, eram apenas negócios, ou seja, por trás tinha o interesse de aumentar e fortalecer o patrimônio. Infelizmente, ainda podemos vislumbrar este modelo nos dias atuais, no qual os casamentos são meros “contratos”, todavia até mesmo nesses contratos, forma-se a família, a família que cuida, protege e ao mesmo tempo tem o papel de educar.

Com as transformações sociais e culturais, forma-se diferentes estruturas familiares, como; família monoparental: composta por apenas um dos progenitores: pai ou mãe. Família comunitária: no qual todos os membros adultos são responsáveis pela educação da criança. Família arco-íris: é constituída por um casal homossexual que “cuida” de uma ou mais crianças. Família contemporânea: no qual a mulher passa ser a chefe da família, constituída por mãe divorciada ou solteira (CARVALHO, 2015).

A família tem papel importantíssimo na formação/educação de seus filhos e filhas. É no centro familiar que a criança vai adquirir os exemplos fundamentais que irão moldar sua visão de si mesma e do mundo a sua volta. Até porque, era a família o lugar de educação por excelência, antes do surgimento da escola. Dentro do seio familiar que as crianças vivenciavam as lições necessárias à “capacitação” do futuro adulto para sua adequação à sociedade. Com o surgimento da escola essa missão foi delegada a ela, e a educação vira o ensino para determinados grupos com hierarquias, ou seja,

Significa que, para além das fronteiras do saber comum de todas as pessoas do grupo e transmitido entre todos livre e pessoalmente, para além do saber dividido dentro do grupo entre categorias naturais de pessoas (homens, mulheres, crianças, jovens, adultos e velhos) e transferido de uns aos outros segundo suas linhas de sexo ou de idade, por exemplo, emergem tipos e graus de saber que correspondem desigualmente a diferentes categorias de sujeitos (o rei, o sacerdote, o guerreiro, o professor, o lavrador) de acordo com a sua posição social no sistema político de relações do grupo (BRANDÃO, 2007, p.28).

Com a formação da escola, o “educar” foi tirado das mãos da família e criado grupos por vocações ou por origem e estes, começaram a ser pagos por estes serviços, iniciando assim a desigualdade na educação, pois começou-se a qualificar os saberes e também a mistificação de que só a escola era espaço de educação, sendo que “em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

aprender, para ensinar, para aprender-a-ensinar” (BRANDÃO, 2007, p. 7).

Para Paulo Freire, toda educação é política, não havendo neutralidade, ela é conscientizadora, libertadora, é fazer o (a) estudante abrir seus olhos para o mundo, não dar apenas respostas, mas ensiná-lo a fazer perguntas. Há uma relação de “do-discência” (FREIRE, 2014, p. 25),

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.

A educação não pode ser acomodada e sim inquieta e é realizada de maneira coletiva, precisa ser uma interação entre teoria e prática, ação e reflexão.

Brandão (2007), também nos diz que:

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante (2007, p.9).

Também acreditamos que a educação acontece em todos os lugares, onde há sujeitos, há conhecimentos, prática, saberes, independente do grau de instrução, e o seio familiar é um dos importantes lugares de aprendizado, que infelizmente a educação tradicional não valoriza. Por isto que a educação do campo e a Pedagogia da Alternância são tão importantes, pois fazem os sujeitos pensar e valorizar o pedaço de terra que possuem. Que faz com o sujeito viva e conviva em comunidade. Que conheça e se reconheça como parte do meio onde residem, para que a partir daí, consiga organizar movimentos que lutem e reivindiquem políticas públicas para o campo, em especial, que reivindiquem uma educação engajada, comprometida, que trabalhe com os protagonistas do campo, exercitando a práxis, ação e reflexão, que para Vergutz, (2013):

estudante se aproxima de si e da família/comunidade com um olhar mais observador e com o sentimento de pertença, de descobertas e de valorização, também possibilita o integrar-se ao campo familiar/ comunitário para partilhar saberes e conhecer outros, criando e recriando a espiral evolutiva do processo de conhecer, na qual o próprio movimento da alternância potencializa interrogações, experiências, vivências, transformações: aprendizagens (2013, p.76).

Freire, (2014, p.86), compreende,

a participação enquanto exercício de voz, de ter voz, de ingerir, de decidir em certos níveis de poder, enquanto direito de cidadania se acha em relação direta, necessária, com a prática educativa progressista, se os educandos e educadoras que realizam são coerentes com seu discurso.

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

A partir disto, a Pedagogia da Alternância entende que a família possui um papel fundamental no processo de construção do conhecimento do estudante, pois eles devem participar ativamente da associação local, do preenchimento do caderno de acompanhamento, das práticas do (a) estudante em casa, espaço de aprendizado, e também na elaboração e sistematização do plano de estudos. Pai 2, pai e membro da associação, quando questionado qual o papel da família, diz:

Nosso papel é de auxiliar nos trabalhos, dar atenção e carinho, e principalmente muita cobrança para que os trabalhos fiquem todos prontos até o final de semana, porque achamos que deve ser mais aprofundado os estudos.

E continua dizendo que, *“a participação da família é fundamental, porque o ensino é voltado a propriedade e comunidade, então a família tem que se envolver”*. No entanto, algumas famílias ainda continuam com participação tímida neste processo, porque eles não se sentem à vontade em ensinar, pois ainda acreditam que não sabem nada, que são somente agricultores e que não tem condições de dar sua opinião, pois possuem pouco estudo. O medo em falar ou escrever algo errado também é uma questão bastante levantada pelas famílias.

Não obstante, notamos uma contradição neste processo, uma vez que a família quando procura a escola para conhecer e no momento da seleção/entrevista, fica impressionada e muito empolgada com o que vê, concordando com todos os acordos, porém, ao iniciar a formação, a postura muda e a participação no processo passa a não ser tão fascinante, havendo então uma discordância entre a entrevista e o decorrer da formação, muito pelo fato de não compreenderem a Pedagogia da Alternância e por não valorizar seus próprios conhecimentos, saberes, sendo que estes são tão importantes quanto os encontrados nos livros, para a formação de seus/suas filhos/filhas. Pai 1 diz que esta compreensão só se dará pela convivência, pela presença na escola e completa a frase dizendo: *“eu aprendi muito nestes anos na escola. Eu sempre brinco quando falo, meu filho se formou e eu ainda estou em formação”*.

Considerações finais

Sabemos que historicamente a maioria dos familiares dos e das estudantes tiveram oportunidade de estudar somente até a quarta série do Ensino Fundamental. As dificuldades financeiras, de acesso, de meios de transportes, o pai não deixar, ter que trabalhar para ajudar os pais, entre outros, foram os motivos apontados por não ter podido estudar. E este impedimento, o de não ter podido avançar nos estudos foi a justificativa da não participação ativa no processo de aprendizagem de seu filho e filha.

Infelizmente, os/as sujeitos do campo ainda vivem à sombra do Jeca Tatu, figura criada

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

por Monteiro Lobato para descrever o pobre, ignorante, preguiçoso e doente, grande óbice para a produção agrícola, “piolho da terra, funesto parasita, homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, quantidade negativa” (LOBATO, 1918. p.5). E é por este estereótipo e também pelo descaso de nossos governantes, que muitas famílias não se enxergam como detentoras do conhecimento, deixando muitos saberes, passados de geração em geração, morrer, por acreditarem também, que este conhecimento não é importante, não é interessante e muito menos passível de estudo.

A EFASC, a partir dos instrumentos pedagógicos Planos de Estudos e visitas às famílias, tenta desmistificar este conceito, propondo uma formação compartilhada no qual a família é tão formadora quanto a escola. No entanto, este rótulo, de “jeca ignorante”, ainda está entranhado nas famílias do campo, o que dificulta o entendimento do que é ser coformador (a). E este trabalho apontou, que o medo de falar errado, do não ser ouvido, do ser motivo de chacota, risadas, é reflexo histórico de um silenciamento da voz do homem e da mulher do campo, que precisa ser transformado. E que esta voz só retornará, se motivada, se valorizada e se ouvida. E o proponente desta discussão, deste não silenciado, agente transformador deve ser, conforme entrevistas, os próprios agricultores e agricultoras, e numa escola Família Agrícola este papel é dado à Associação, ela quem deve chamar, ir até as famílias, porque o diálogo entre agricultores e agricultoras, falantes da mesma linguagem, é apontado como primeira iniciativa para que as famílias compreendam seu papel frente à formação de seu filho e filha na EFASC.

Referências

AGEFA – **Associação Gaúcha pró Escolas Famílias Agrícolas do Rio Grande Sul**. Fundada em 2008. Estatuto Social, 2016.

BEGNAMI, Marinalva Jardim Franca. Os CEFFAs e a Educação do Campo. **Revista Formação por Alternância**. Educação do Campo. Brasília: UNEFAB, 2011.

BONAMIGO, Carlos Antônio. Possibilidades de interlocução entre educação do campo e desenvolvimento regional. **Anais X ANPED SUL**. 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CARVALHO, Carlos. **Família** – A Tentativa da Nova Definição. Disponível em: <<http://www.cbci.com.br/textos/FAM%C3%8DLIA%20-%20artigo.pdf>>. Acesso em 21 abril 2019.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. Organização Ana Maria de Araújo Freire. 1ª Ed. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à Prática Educativa. 49ª Ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz & Terra, 2014.

FREIRE, Lutgardes Costa. Família. IN: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 176 – 177).

MARCÍA-MARIRRODRIGA, Roberto e PUIG-CALVÓ, Pedro. **Formação em alternância e desenvolvimento local: o movimento educativo dos Ceffa no mundo**. Belo Horizonte: O Lutador, 2010.

GAMBOA, Silvio A. S. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, Ivani. **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense. 1994.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

POZZEBON, Adair. **A inserção socioprofissional dos jovens egressos da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul no Vale do Rio Pardo, RS**: Uma contribuição para o desenvolvimento Rural. Dissertação de Mestrado na Faculdade Federal do Rio Grande Do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas e Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

VERGUTZ, Cristina Luisa Benke; CAVALCANTE; Ludmila Oliveira Holanda. As aprendizagens na Pedagogia da alternância e na Educação do Campo. **Revista Reflexão e Ação**, UNISC, Santa Cruz do Sul, p.375.

VERGUTZ, Cristina Luisa Benke; CORRÊA, Aline Mesquita. A articulação família, seus sujeitos e seus conhecimentos na Pedagogia da Alternância de uma Escola Família Agrícola. **XII Reunião Científica da Região Sul - ANPEd-Sul**, Porto Alegre, 2018.

ZAMBERLAN, Sérgio. **O lugar da família na vida institucional da escola- família**: Participação e Relações de Poder. Dissertação de Mestrado na faculdade de Ciências e Tecnologia da Educação Da Universidade Nova de Lisboa, para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação. Anchieta, Estado do Espírito Santo – Brasil, 2003.

Sobre as autoras:

Maira Taís Marques Corrêa é Pós-Graduada em Educação do Campo e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Monitora da área de Linguagens da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC. E.mail: mairataism@gmail.com

A percepção da família quanto ao seu papel no processo formativo do do(a) estudante da
Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/RS

Cristina Luisa Benke Vergutz é Doutora e Mestre em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. Coordenadora Pedagógica da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC. E.mail: cristina.vergutz@gmail.com